



Leonardo Coimbra (1883-1936) Vida pública e pensamento filosófico

Leonardo Coimbra, político e professor, natural do norte de Portugal nasceu na vila da Lixa, próximo de Amarante. Não sendo raras as incursões de filósofos na vida política activa das nações, o mesmo não se pode afirmar quanto à qualidade das repercussões que estas possam assumir, nomeadamente na requalificação do espaço público.

Revela tanto na sua formação académica, como na vida (privada e pública) a mesma liberdade e originalidade que o aproximam do paradoxo, dada a multiplicidade e aparente contradição dos interesses que o movem. Coursou ciências Físicas e Matemáticas (na Universidade de Coimbra) e mais tarde conclui curso de Matemáticas (na Escola Politécnica do Porto). Por último, faz o magistério secundário no Curso Superior de Letras (Faculdade de Lisboa). Foi professor de matemática em diversos liceus, sobretudo no norte do país.

Apesar da sua formação académica em ciências é, entre 1913 a 1931, professor do grupo de Filosofia da Faculdade de Letras da Universidade do Porto, a qual funda enquanto ministro da Instrução Pública.

Leonardo Coimbra foi um interveniente decisivo e comprometido na, e com a, *pólis*. Na juventude deixa-se fascinar pelos ideais anarquistas, chegando a militar nas suas hostes. Esta militância constitui uma oportunidade para fundar um projecto editorial, a publicação de uma folha libertária, intitulada *Nova Silva*, juntamente com Jaime Cortesão e Álvaro Pinto. Esta revista publica cinco números, entre 2 de Fevereiro e 10 de Abril de 1907. Inspirado no ideal romântico de Vitor Hugo, cria a associação *Amigos do ABC*, no Porto. Este movimento visa combater o analfabetismo entre as camadas mais desfavorecidas da população, o que vai, de resto, ao encontro do Ideário da primeira República, com o qual se identifica a ponto de aderir ao partido republicano em 1914, e à Maçonaria. Em 1925, afasta-se deste partido e adere à Esquerda Democrática. Faz campanha a favor da intervenção de Portugal na Primeira Grande Guerra. Leonardo Coimbra esteve preso em 1918, durante o Sidonismo.

Ainda imbuído do ideário republicano, protagoniza a criação de outro projecto editorial de grande impacto político e social no país: a revista *A Águia* (1910-1932), de que é co-fundador, director e colaborador assíduo. Esta revista literária e científica, de cariz fortemente republicano, conta para além da participação de importantes vultos do panorama cultural português, como o poeta Teixeira de Pascoaes, António Sérgio, ou Fernando Pessoa, com a colaboração de autores estrangeiros, com é o caso de Miguel de Unamuno, por exemplo. Na génese desta publicação, constituída por um total de 26 volumes e dividida em 5 séries, encontram-se preocupações de difusão generalizada de conhecimento, e da sua popularização, numa tentativa de elevar os standards culturais da população a par com um reformulado sentimento de pertença nacional. A revista *A Águia* torna-se, deste modo, no órgão oficial da Renascença Portuguesa, movimento cultural que visa lidar com os graves problemas que a

instauração da República não consegue *per se* resolver nas áreas educativa, social, económica e religiosa, e Leonardo Coimbra uma das suas figuras mais proeminentes.

Desempenha responsabilidades governativas quando assume o cargo de ministro da Instrução, por duas vezes, entre 1919 e 1931. Da 1ª vez que assume esse cargo, de 2.4.1919 a 28.6.1919, toma as seguintes medidas: criação de escolas primárias superiores; reforma da Biblioteca Nacional; nova orientação ao Conservatório de Música de Lisboa; elaboração de uma reforma dos estudos filosóficos nos liceus e nas Faculdades de Letras; transferência da Faculdade de Letras de Coimbra para o Porto.

Da última vez que exerce tal função governativa, de 30.11.1922 a 8.1.23, defende vivamente a liberdade do ensino religioso nas escolas particulares, o que é paradoxal visto que o Ideário Republicano se batia justamente por uma laicização da sociedade portuguesa, continuando uma tendência introduzida no país pelo regime liberal, na segunda metade de Séc. XIX. Em 1911, assiste-se à celebração da separação oficial entre Estado e Igreja, decorrente da revolução republicana de 1910. Um dos vultos mais marcantes do movimento republicano, Afonso Costa, refere-se ao catolicismo como uma 'peste medieval' que se extinguirá em duas gerações. Esta autonomia relativamente a matéria religiosa é causa de radical e aberta divergência com a ala tradicional do Partido Republicano Português, conflito que virá a provocar a sessão das funções ministeriais de Leonardo Coimbra, em 1931. Só passados 9 anos, em 1940, com a assinatura da *Concordata*, documento em que o Estado português se assume como um estado laico perante o Vaticano se dá, todavia, uma viragem: uma aliança e aproximação que a partir daqui irá vigorar entre o regime político vigente e a Igreja Católica.

No que diz respeito à Educação, e no decorrer da sua responsabilidade governativa, é grande defensor da liberdade de ensino mas, mais do que isso, da liberdade pelo ensino, pois acredita na elevação de todo o ser humano enquanto tal pelo livre acesso ao conhecimento, pela vulgarização do ensino.

No campo do pensamento filosófico, Leonardo Coimbra afasta-se tanto do empirismo como do idealismo, contrapondo, a estes, uma vertente espiritual, na qual funda o que considera ser um esboço de um sistema filosófico: o Criacionismo gnoseológico. O pensamento não é estático ou passivo; antes permanente criador de noções, numa aproximação progressiva à realidade que nunca atinge de forme imediata ou integral. Sujeito e objecto do conhecimento estabelecem uma relação de reciprocidade de acção e reacção de carácter indissolúvel, constituindo-se como unidade funcional através da qual a inteligência opera, cria. Há que repensar dicotomias antes bem definidas do ponto de vista gnoseológico, uma vez que tudo se caracteriza por uma constante actividade criadora, uma dialéctica criacionista da qual se destacam duas componentes estruturantes: a ciência e a pessoa. O criacionismo caracteriza-se por uma dinâmica de intervenção responsável no mundo, por uma busca de excelência moral orientada para um absoluto.

Leonardo Coimbra é tão inclusivo nas suas ideias que surpreende, na vida e no pensamento, pela originalidade das suas associações e pela liberdade em que estas se fundam. É uma das suas mais célebres frases que melhor o define a si, ao seu pensamento e à sua acção política de intervenção responsável no espaço público: «o homem não é uma inutilidade num mundo feito, mas obreiro de um mundo a fazer».

Morre aos 53 anos, na sequência de um desastre de viação ocorrido no dia do seu aniversário, a 2 de Janeiro de 1936.

Publica cerca de vinte livros entre 1912 e 1935: Obras de Leonardo Coimbra, ed. Lello e Irmão, 2 volumes, Porto, 1983 (vol. I: *Criacionismo (Esboço de um Sistema Filosófico)*; *Criacionismo (Síntese Filosófica)*; *A Alegria, a Dor e a Graça*; *Do Amor e da Morte*; *A Questão Universitária*; *A Rússia de Hoje e o Homem de Sempre*; vol. II; *Pensamento Criacionista*; *a Morte*; *Luta pela Imortalidade*; *O Pensamento Filosófico de Antero*; *Problema da Indução*; *A Razão Experimental*; *Notas sobre a abstracção científica e o silogismo*; *Jesus*; *S. Francisco de Assis*; *Problema da Educação Nacional*; *S. Paulo de Teixeira de Pascoaes, O Homem às Mãos com o Destino*). *Dispersos I - Poesia Portuguesa*, Lisboa, 1984. *Dispersos II - Filosofia e Ciência*, Lisboa, 1987. *Dispersos III - Filosofia e Metafísica*, Lisboa, 1988.

MARIA JOSÉ DE FIGUEIROA-REGO

Instituto de Filosofia, Universidade do Porto, Portugal.